



## A CHARGE: FUNÇÃO SOCIAL E PARADIGMA CULTURAL

**Andréa de Araujo Nogueira**

Doutoranda na ECA/USP

**Resumo:** O reconhecimento do potencial da charge, enquanto fenômeno de grande alcance de comunicação, concretizou-se com o processo de transformação tecnológica e na intenção dos jornais em ver ampliado seu consumo. Baseado nas considerações de Vladimir Propp sobre o humor, propomos analisar neste trabalho o recurso dos personagens-tipos nas charges: o Juca Pato, de Benedito Bastos Barreto, e Zé Marmiteiro, criação de José Nelo Lorenzon, na imprensa paulistana no século XX. Figuras que surpreendem pela ironia de seus autores, contribuíram para estabelecer respaldados nos efeitos da comoção e afetividade despertados nos leitores, valores culturais e comportamentais, ratificando o papel da caricatura na imprensa, ao desvendar as relações do poder tanto na esfera do relacionamento cotidiano e urbano, quanto na política nacional.

**Palavras-chave:** Charge – Personagem - Política.

Inúmeras teorias desde Aristóteles procuram de alguma forma compreender o humor. Para o filósofo grego a associação com a tragédia, sendo seu oposto, está diretamente relacionada aos sentimentos humanos e seu conjunto de valores, tratando do risível, do que é vergonhoso, feio ou vil. Da tradição do pensamento clássico, o conceito do riso foi se sedimentando, até instaurar, no período do romantismo, valores de superioridade e distanciamento, ao lado da dimensão do cômico<sup>1</sup>

Rompendo com essa vertente, o filólogo russo Vladimir Propp, ligado ao Formalismo Russo, se dedicou a um estudo do cômico<sup>2</sup> reunindo e sistematizando exemplos literários

---

<sup>1</sup>Esses conceitos revistos no livro de Saliba tem sua ruptura, segundo o autor, no período da *Belle Époque*. SALIBA, E. T. *As raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>2</sup> PROPP, V. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora F. Bernardini e Homero de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.



como Gógol, revistas humorísticas e satíricas, para criar uma teoria sobre a comicidade. Para tanto, buscou uma caracterização comportamental inserida nas categorias estéticas e extra-estéticas do humor, estabelecendo seis tipos principais de riso: o riso de zombaria, o riso bom, o mau/cínico, o alegre, o ritual e o de explosão. Propp concluiu que a comicidade possui diferenças implícitas em seus aspectos que levam diferentes formas de riso, sendo impossível a subdivisão romântica do cômico em vulgar e elevado.

A grande operação do artista que produz o humor, segundo Propp, é descobrir os procedimentos especiais para mostrar o que é “ridículo”, no sentido de ser passível e provocador do riso. Nem sempre este nexos pode ocorrer; o que é considerado cômico para uma pessoa, pode não ser para outra, residindo a causa dessa reação nas condições de ordem social, cultural e historicamente, pois para Propp “cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas.”<sup>3</sup>

A compreensão do humor, enquanto fenômeno social, analisado por Bergson, reflete seu alcance possível quando inserido num suporte como a imprensa moderna, objeto de nosso estudo, a charge política.

### **A charge**

A concepção da caricatura, termo derivado do verbo italiano *caricare*, isto é, carregar, sobrecarregar com exagero, foi usada pela primeira vez em 1646 por Antonio Mosini, ao analisar os desenhos dos irmãos Agostino e Annibale Carraci, os *ritratini carichi*, satirizando tipos humanos de Bolonha,<sup>4</sup> envolvendo a percepção de um novo momento histórico ligado à modernidade, e, sobretudo, a uma transformação das técnicas de reprodução. Esses recursos, segundo Benjamim, se desenvolveram mediante saltos sucessivos, separados por longos intervalos, mas num ritmo cada vez mais rápido, especialmente com o aparecimento da litogravura,

---

<sup>3</sup> PROPP, V. op. cit., p. 32.

<sup>4</sup> FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p.17.

o processo muito mais fiel - que submete o desenho à pedra calcária, em vez de entalhá-lo na madeira ou de gravá-lo no metal – permite pela primeira vez às artes gráficas não apenas entregar-se ao comércio das reproduções em série, mas produzir, diariamente, obras novas. Assim, doravante, pôde o desenho ilustrar a atualidade cotidiana. E nisso ele tornou-se íntimo colaborador da imprensa.<sup>5</sup>

A caricatura, portanto, se estabeleceu na imprensa dentro de duas concepções sócio-culturais, mencionadas por Melo.<sup>6</sup> A primeira relacionada ao avanço tecnológico, com a litografia inicialmente e depois com as possibilidades técnicas da rotativa, passando a ser um recurso incorporado aos processos de produção jornalística. A segunda concepção provém do interesse da popularização do jornal enquanto veículo de comunicação de massa, pois a caricatura, formada na inter-relação do texto (legenda) e na força da imagem, com seu potencial de sedução, tornou-se um instrumento eficaz de persuasão do público leitor.

Usualmente empregada no sentido de gênero, a caricatura envolve e constitui o elemento formal da *charge*. O significado que este termo adquiriu no Brasil acabou incorporando o sinônimo francês da caricatura, numa ligação íntima com a imprensa, como uma sátira gráfica a um acontecimento político. Enquanto manifestação comunicativa baseada na condensação de idéias, a sua compreensão requer um entendimento contemporâneo ao momento exposto na relação dos personagens.

A charge, entretanto, se desprende da função de apenas ilustrar o cotidiano, assinalado por Benjamin. Com uma síntese dos acontecimentos filtrados pelo olhar de seus atentos produtores e a utilização de recursos visuais e lingüísticos, a charge transforma a intenção artística, nem sempre objetivando o riso - embora o tenha como atrativo - em uma prática política, como uma forma de resistência aos acontecimentos. O desgaste das intenções de sua temática, centrada na atualidade, é inevitável, entretanto, dentro de um contexto histórico, poderá por diversas vezes repetir-se, ou seja, permanecer atual enquanto crítica ao

---

<sup>5</sup> BENJAMIM, W. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril, s. d., p. 12.

<sup>6</sup> MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 183.



*establishment* econômico ou social de um país, como poderemos perceber no decorrer dos exemplos aqui expostos.

Na charge transparece o riso de zombaria, referida por Propp, expondo abertamente aquilo que está oculto, dando pelo humor, uma outra visão sobre um acontecimento ou pessoa, revelando os traços singulares e morais do caricaturado.

Foi assim, que a *Folha da Noite* – criada em fevereiro de 1921, concentrando-se em temas populares e urbanos, sob a direção de Olival Costa – buscava cumprir a proposta de cativar um número maior de leitores. Contrata então o jovem caricaturista Benedito Bastos Barreto, o Belmonte, que produz centenas de charges para o jornal, durante vinte e seis anos de sua carreira nas *Folhas*, até sua morte em 19 de abril de 1947.

Paulistano do bairro da Liberdade, Belmonte nasceu em 15 de maio de 1896. Um dos elementos de sua enorme produção artística foi a forte ligação que mantinha com a cidade, encontrando nesta relação os temas para suas charges e inúmeras ilustrações de livro.

A criação do personagem José da Silva Pato, ou melhor, *Juca Pato*,<sup>7</sup> representa bem esse vínculo. Juca aparece pela primeira vez em 2 de maio de 1925 na *Folha da Noite*, com a intenção de ampliar seu público consumidor.

Concentrando em uma única figura, a primeira essencialmente urbana na caricatura brasileira, a imagem do homem moderno, estupefato e indignado com os desmandos políticos, mais especificamente no que toca a transformação urbana, diferentemente da figura por vezes malandra e sorradeira com a qual Zé Povo, urbano e rural, foi por inúmeros artistas delineado. Mas é no novo jornal da empresa, a *Folha da Manhã* que o personagem, aparecendo em vários pontos do jornal como vinheta das colunas além das charges, populariza sua imagem de “eterno pagante”.

---

<sup>7</sup>A utilização dessas personificações que interpenetra a afetividade e a pretensão do reconhecimento político do homem comum se amplia nas charges nacionais, condensadas e popularizadas nos personagens-tipos, empregadas até meados do século XX, especialmente após a presença do português Bordalo Pinheiro no Rio de Janeiro de 1874 até 1879, que traz em sua bagagem a figura de Zé Povinho.

Juca era antes de tudo inverso. Dialético por ser irônico. Ao desenhar sua figura vestida com terno tipo fraque, furado e remendado por ser o último que possui e óculos com aro de tartaruga, Belmonte, evidenciava a posição da camada intermediária da população, atraindo-a para o consumo dos jornais.

Compondo traços do jornalista, Juca observava o cotidiano político, resignado, mas igualmente intempestivo por sua indignação. A tropeçar pela vida, carregando “uma tonelada de deveres atrás de uma promessa de direitos”,<sup>8</sup> Juca Pato instaura o humor e a crítica no cotidiano de São Paulo nos anos 20, e se transforma vertiginosamente, como um *flâneur* intencionado:

Se encontrares dez pessoas de óculos, nove delas usam óculos a Harold Loyd. Ora seguindo essa série de fatos visíveis e palpáveis, lancei ao mundo o “Juca Pato” de frack e óculos de tartaruga. O resto do tipo é assim: careca, porque? Porque sempre “leva na cabeça”. Não leva? Leva, sim. É no Brasil, o povo que mais paga impostos, o que mais trabalha, o que mais luta, o que mais constrói...Pum! Levou no crânio! E ficou careca! Mas não chora! Não geme! Não blasfema! Ri, apenas. É a sua filosofia. É a sua vingança. Sua gargalhada não é a de um clown; ele ri, pelo gosto de rir; gargalha para castigar.<sup>9</sup>



As reformas urbanas neste período na cidade eram impostas de forma desordenada aos cidadãos, tornando sua vivência um desafio diário. A entrada de capitais estrangeiros após 1900 contribuiu para essa transformação, sendo que o grupo canadense Light and Powers irá absorver praticamente todos os serviços públicos da cidade, até 1930, como transporte urbano, fornecimento de energia e gás para uso doméstico e industrial, iluminação pública e serviços de telefonia.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> BELMONTE (pseud.) *Folha da Manhã*, 16 mar. 1926, p. 1

<sup>9</sup> BELMONTE (pseud.) *Folha da Manhã*, Doeú?! Bravos Juca Pato, 31 ago. 1926, p. 3

<sup>10</sup> SAES, F. A. M. de. Economia. In: PASSOS, M.L. P.F. (coord.) *Estruturação de uma cidade industrial 1872-1945*. São Paulo: Eletropaulo, 1990, p. 33-5.

O desmando da empresa que monopolizava os serviços públicos e o distanciamento dos políticos com a rotina urbana, provocava na população uma sensação de impotência frente à aceleração do ritmo urbano que contamina a atmosfera das ruas, apresentada na charge que traz um atordoado Juca Pato, buscando um sinal ou uma verdadeira direção, no meio de tantas outras (figura 1).

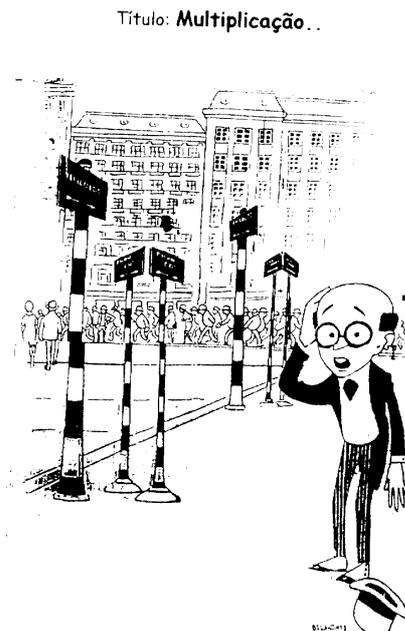


Fig. 1. Legenda: Juca Pato – Virgem Maria! Os paus estão dando cria!  
*Folha da Manhã*, 5/7/1925, p.1

As tabuletas que deveriam organizar o espaço público apresentam setas conflitantes, como a multidão que caminha em posições diversas, imersas na aceleração e no anonimato. No último plano, o variado contorno dos edifícios revela a falta de harmonia da arquitetura urbana, e no primeiro, a sensação de deslocamento do personagem, que se reflete no espanto e indignação na legenda.

A égide do olhar do *flâneur* baudelariano que “rumina a imagem moderna (...) que luta diante da linha evanescente que ainda persiste entre o espaço público e a reserva da intimidade e, por isso, ainda pode surpreender-se, chocar-se ante a imagem urbana”<sup>11</sup> o

<sup>11</sup> FERRARA, L. A. As máscaras da cidade. *Revista da USP*, mar.,abr., maio/ 1990, p. 7



aproxima de Juca Pato, no sentido que aponta metaforicamente sua imobilidade e perplexidade política, tendo como fundo a massa urbana fluindo nas ruas.

Como Daumier, que após o acirramento da censura, culminando no fechamento do *La Caricature* em 1835, passou a se dedicar às questões comportamentais, Belmonte passou, no período do Estado-Novo (1937-1945), das críticas ao governo de Getúlio Vargas às relações entre o poder do conflito mundial da Segunda Grande Guerra. A produção desse período, por sua ironia, alcançou repercussão internacional, sendo atacada pelo Ministro da Propaganda de Hitler, Josef Goebbels, em pronunciamento pela Rádio de Berlim, conforme o anúncio de 11 de fevereiro de 1943, publicado na *Folha da Noite*. Belmonte por seu lado agradecia a propaganda emitida pelo representante do governo nazista.

Após a morte de Belmonte, em 1947, a empresa jornalística buscou preservar o público cativo de seu desenho. A orientação das *Folhas*, agora sob a responsabilidade de Nabantino Ramos de 1945 a 1962, foi a de prosseguir vinculando as campanhas políticas de fiscalização ao Estado, favoráveis às camadas médias urbanas, permanecendo com a presença do personagem-tipo nas charges da primeira página. As *Folhas* contratam José Nelo Lorenzon como caricaturista, que passou a contribuir com o jornal em março de 1948, levando então o seu Zé Marmiteiro.

O “Seu” Nelo, como era conhecido, foi caricaturista, escritor, advogado e professor de Língua Portuguesa e observador arguto dos aspectos da vida, tristes ou alegres. Nasceu em Ribeirão Preto no dia 1<sup>o</sup> de junho de 1909, numa família de origem italiana, falecendo no dia 7 de abril de 1963 em São Paulo. Criou também as tiras do funcionário público, Seu Fedegoso e D. Angélica, e o endiabrado Biloca para o jornal *Diário da Noite*. Paralelamente a todo o trabalho nos jornais, Nelo Lorenzon lecionou no Colégio Fernão Dias Pais, em Pinheiros, publicando no jornal do bairro, *A Gazeta de Pinheiros*, sua crônica mensal *Lições de Português*, na década de 50, sobre os erros e acertos gramaticais com muito bom humor.

Instaurada no intricado momento político e de efervescência cultural, com a afirmação da arte moderna, a obra de José Nelo Lorenzon, publicada diariamente na *Folha da Noite*,



permite revelar aspectos da inconstância da política brasileira no período de 1945 a 1963, entre a tentativa de aberturas democráticas e fechamentos autoritários, que engloba a transição da sociedade rural para a urbano-industrial.

Dentro do pluralismo apregoado pela orientação de Nabantino Ramos para as *Folhas*, Zé Marmiteiro – que havia sido publicado anteriormente no *Jornal de S. Paulo*<sup>12</sup> – se apresentava como um personagem carregado de ambigüidades e sutilezas. Contrapondo-se à imagem de Juca Pato, a presença de Zé Marmiteiro, o operário, apresenta uma concepção diferenciada nas relações com o poder, no processo de identificação com o público leitor.

Possivelmente seu nome teve origem devido a popularidade alcançada por uma polêmica envolvendo as candidaturas do General Eurico Gaspar Dutra e Eduardo Gomes, nas eleições de dezembro de 45. Nela, Hugo Borghi, político e proprietário de rádios, empenhou-se na campanha do general Eurico Gaspar Dutra pelo Partido Social Democrático (PSD).

Aproveitando-se de um discurso do candidato à presidência pela União Democrática Nacional (UDN), o Brigadeiro Eduardo Gomes, em que este declarou não precisar dos votos da “malta de desocupados que freqüentavam os comícios de Getúlio Vargas”, Borghi descobriu que o termo “malta” designava também grupos de operários que percorrem as linhas férreas levando suas marmitas, os marmiteiros, ou seja, boa parte da população de baixa-renda.<sup>13</sup> Divulgou então o sinônimo em suas rádios no Rio de Janeiro e em São Paulo, conseguindo provocar em 48 horas a indignação de todo o país contra Eduardo Gomes. Após esse episódio, Hugo Borghi ficou conhecido como Zé Marmiteiro, sendo o segundo deputado mais votado nas eleições à Assembléia Constituinte. Entretanto a associação de Nelo com Hugo Borghi permaneceu exclusivamente na incorporação do nome ao personagem, sendo o deputado alvo constante das charges.

---

<sup>12</sup> Este jornal surgiu de uma divergência dos jornalistas com a nova diretoria das *Folhas*, entre eles Hermínio Sacchetta, sendo fechado tempos depois em fevereiro de 1948.

<sup>13</sup> BELOCH, I. e ABREU, A. A. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro, 1930-1983*. Rio de Janeiro: FGV/ CDDOC, 1984, p. 419.



As charges produzidas por Nelo, as primeiras a serem coloridas na *Folha da Noite*, apresentavam Zé Marmiteiro com roupas de operário: o macacão, normalmente remendado, a marmiteira em punho e uma chave no bolso, no espaço urbano e doméstico, acompanhado por seu cachorro Chuvisco, ironicamente o personagem que transparece os defeitos e anseios humanos. Apesar de seu aspecto e vestimenta, as lutas empreendidas pelo movimento operário não faziam parte de seu discurso, como ocorrerá com o João Ferrador e o Zé Malho, na década de 70.

A presença de Zé Marmiteiro fazia parte da estratégia do jornal num momento histórico em que as classes populares ganhavam mais peso político. A direção do jornal via na progressiva socialização da vida uma tendência inexorável e atuava de forma sistemática na defesa do capitalismo,<sup>14</sup> procurando por meio da representação humorística, ainda que de modo contraditório, defender princípios que minimizassem os efeitos da desigualdade social, e o combate às formas de exploração humana.

A característica formal do trabalho autodidata de Nelo Lorenzon com a utilização da linguagem coloquial e o traço limpo sem refinamento, mas não menos elaborado, aproximava-o da geração de caricaturistas que iniciara sua produção após a repressão empreendida pelo Estado Novo e de seu órgão de controle, criado em 1939, o famigerado Departamento de Propaganda e Imprensa, o DIP, como Nássara e Augusto Rodrigues.

### Os diálogos de Zé

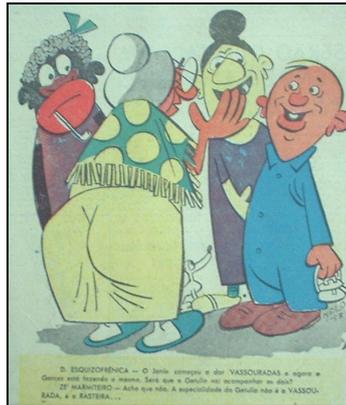
Estabelecidos na legenda, os diálogos se apresentam com dois grupos diferenciados de interlocutores. No primeiro, atuam os personagens urbanos: lavadeiras, operários, donas de

---

<sup>14</sup> MOTA, Carlos Guilherme e CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S.Paulo (1921-1981)*. São Paulo: IMPRES, 1981, pp. 171-173.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **História em Quadrinhos**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

casa e professores. Neste discurso, Nelo elabora os argumentos de Zé Marmiteiro de maneira a evidenciar, explicar, tornar compreensível ou satirizar uma determinada questão. A charge exerce, neste caso, uma função didática, evidenciando a proposta “orientadora” de Nelo (figura 2).



Legenda:

D. Esquizofrênica – O Jânio começou a dar VASSOURADAS e agora o Garcez está fazendo o mesmo. Será que o Getulio vai acompanhar os dois?

Zé Marmiteiro – Acho que não. A especialidade de Getulio não é a VASSOURADA, é a RASTEIRA....

Fig. 2. Nelo, *Folha da Noite*, 29/4//1953, p.1<sup>15</sup>.

O segundo grupo, em contrapartida, é composto por personagens instituídos de poder, econômico ou político, além dos comerciantes. Embora a crítica às incoerências partidárias dos políticos eram evidenciadas em seu discurso, Nelo elaborava a relação de Zé Marmiteiro com a intenção de alçar um pretense entendimento e compreensão de suas atitudes, fundando nesta relação, sua ironia e conseqüentemente a operação do “risível” analisado por Propp,<sup>16</sup> ao desestabilizar o conceito de autoridade.

Ao estabelecer o diálogo com o poder instituído, suas reivindicações permaneciam ainda dentro dos principais temas desenvolvidos pelas *Folhas*, o aumento do custo de vida e o

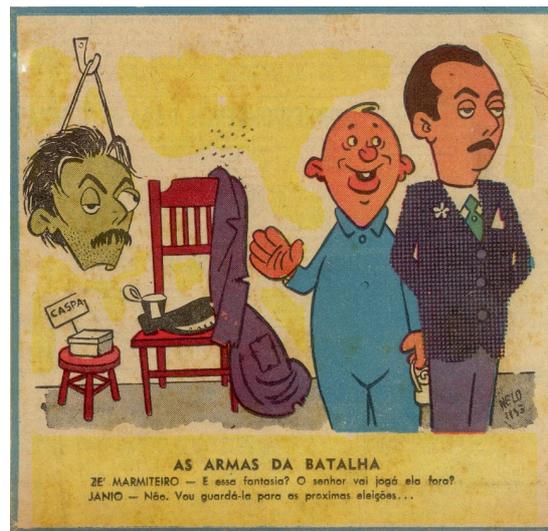
<sup>15</sup>NELO, *Folha da Noite*, 29 abr. 1953, p.1

<sup>16</sup>PROPP, V. Op. Cit., p. 30.

desprezo pela má administração do bem público e pelos políticos inseridos no movimento populista (figura 3).

Apoiado nos símbolos, como a vassoura e a creolina, nas atitudes demagógicas, e nos slogans de campanha – “o tostão contra o milhão”, “Jânio vem aí”, “rouba, mas faz” –, o populismo encontra no processo de condensação da caricatura, a popularização de sua imagem, embora crítica e muitas vezes condenada pelos próprios políticos. Definido por Weffort como uma espécie de “oportunismo essencial”, o populismo,

foi um modo determinado e concreto de manipulação das classes populares, mas foi também um modo de expressão de suas insatisfações. Foi, ao mesmo tempo, uma forma de estruturação do poder para os grupos dominantes e a principal forma de expressão política da emergência popular no processo de desenvolvimento industrial e urbano.<sup>17</sup>



### As Armas da Batalha

Zé Marmiteiro - E essa fantasia? O senhor vai jogá ela fora?

Janio – Não. Vou guardá-la para as próximas eleições...

Fig.3. Nelo, *Folha da Noite*, 13/4/1953, p.1<sup>18</sup>

Com a máscara de Jânio podemos identificar a própria máscara que encobre o discurso do populismo, que assumiu diversas facetas, freqüentemente contraditórias, algumas assumidamente caricatas.

<sup>17</sup> WEFORT, F. O populismo no Brasil. In: FURTADO, Celso (Org.) *Brasil: tempos modernos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 51.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **História em Quadrinhos**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Zé Marmiteiro, por fim, condensa a imagem do trabalhador da indústria, visivelmente associado à pobreza urbana. A percepção sobre seu papel projeta a formação de uma nova demanda social, que começava a se destacar no mercado consumidor, comprometida com o processo de modernidade, enquanto que a modernização permanecia a privilegiar os representantes do poder.<sup>19</sup>

### **Juca e Zé**

Tanto Belmonte quanto Nelo apresentam em comum o comprometimento da abordagem crítica nos personagens, respaldados nos efeitos da comoção e afetividade despertados nos leitores, cada qual apresentando uma realidade específica, que, em razão dos problemas de ordem econômica e social do país, permanecem atemporais.

As semelhanças se espelham na proximidade da linha editorial de cada momento, contribuindo para estabelecer valores culturais e comportamentais que possibilitaram o envolvimento diário do público leitor, ratificando o papel da caricatura na imprensa, ao desvendar as relações do poder tanto na esfera do relacionamento cotidiano e urbano, quanto na política nacional.

Nossos caricaturistas contemporâneos, liberados da censura externa, apresentam o cenário político com os atores principais, sem a mediação crítica e as experiências formais de personagens. Devido a constante exposição dos políticos nos meios de comunicação, que com poucos indícios de seus traços fisionômicos nos desenhos dos artistas são prontamente reconhecidos pela população, perdemos o significado da presença desses coadjuvantes, que permanecem a dar inesgotáveis olhares para a nossa história.

---

<sup>18</sup> NELO, *Folha da Noite*, 13 abr 1953, p. 1.



## BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BAUDELAIRE, Charles. Alguns caricaturistas estrangeiros. In: *Obras estéticas: filosofia da imaginação criadora*. Trad. Edison Darci Heldt. Petrópolis: Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. Da essência do riso e de modo geral do cômico nas Artes Plásticas. In: BAUDELAIRE, C. *Poesia e prosa*. Ivo Barroso (org.) Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- BELOCH, Israel e ABREU, Alzira Alves. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: FGV/ CDDOC, 1984.
- BENJAMIN, Walter. Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. In: *Obras escolhidas*. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989, v. 3.
- \_\_\_\_\_. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril, s. d.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- BREMMER, Jan, ROODENBURG, Herman (Org.). *Uma história cultural do humor*. Trad. Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.
- CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAVALCANTI, Di. *Reminiscências líricas de um perfeito carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- CHAGAS, Carlos. *O Brasil sem retoque, 1808-1964: a História contada por jornais e jornalistas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- CIRNE, Moacy. *A explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1972.

---

<sup>19</sup> FAORO, R. A questão nacional: a modernização. Revista *Estudos Avançados*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, v. 6, n. 14, jan./abr., 1992, p. 8.



- COTRIM, Álvaro (Alvarus). *J. Carlos: época, vida e obra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUQUE, Gonzaga. A caricatura no Brasil, Raul e Calixto Cordeiro. In: *Contemporâneos: pintores e escultores*. Rio de Janeiro: Tip. Benedito de Souza, 1929, p.229-245.
- FAORO, R. A questão nacional: a modernização. In: *Estudos Avançados*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, v. 6, n. 14, jan./ abr., 1992.
- FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- FREUD, Sigmund. O chiste e sua relação com o inconsciente. In: *Obras completas*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977, v. 8.
- FURTADO, Celso (Org.) *Brasil: tempos modernos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GOMBRICH, E. H. *Meditações sobre um cavaleiro de pau*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_. *The uses of Images: studies in the social function of art and visual communication*. London: Phaidon Press, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- IANNI, Octavio. *O Ciclo da revolução burguesa*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. São Paulo: J. Olympio, 1963, v. 4.
- \_\_\_\_\_. *Álvarus e seus bonecos*. Rio de Janeiro: MEC, 1954.
- LOREDANO. *Nássara*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.
- MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOTA, Carlos Guilherme e CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S.Paulo (1921-1981)*. São Paulo: IMPRES, 1981.
- ORTIGÃO, Ramalho. A arte satírica e o Antonio Maria de Rafael Bordalo Pinheiro. In: BORDALO, R. *Rafael Bordalo Pinheiro - o português tal e qual: da caricatura à cerâmica. O caricaturista*. Curadoria Emanuel Araujo. São Paulo, Pinacoteca do Estado, 1996.
- PEIXOTO, Afrânio. *Humour: ensaio de brevíário nacional do humorismo*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1947.



PROPP, Vladimir Iakovlevitch. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RAMOS, Nabantino. *Jornalismo: dicionário enciclopédico*. São Paulo: IBRASA, 1970.

ROCHA, Paulo César (Pecê). *Tribuna Metalúrgica: 20 anos ilustrada*. São Paulo: Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 1998.

ROMUALDO, E. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: Eduem, 2000.

SALIBA, Elias Thomé A dimensão cômica da vida privada na República. In: NOVAIS, Fernando (org.). *História da vida privada no Brasil - República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 290-365.

\_\_\_\_\_. *As raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Marcos Antônio. *Prazer e poder do Amigo da Onça (1943-1962)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. A guerra de Belmonte: humor gráfico e política no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. In: COGGIOLA, Oswaldo (org.). *Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Xamã, 1995, p. 337-348.

STEMPNIEWSKI, Renato. *A Cidade*, Ribeirão Preto, s.d., acervo Família Lorenzon.

TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TEIXEIRA, Luís Guilherme Sodré. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

## Teses

AGOSTINHO, Aucione. *A charge*. Tese (Doutorado). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1993.



BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as raízes do modernismo*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1985.

NOGUEIRA, Andréa de Araujo. *Um Juca na cidade: representatividade do personagem criado por Belmonte na imprensa paulista (Folha da Manhã, 1925-1927)*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Instituto de Artes da Universidade Estadual de São Paulo, 1999.

SILVA, Marcos Antônio. *Humor e política na imprensa: os olhos de Zé Povo (Fon-Fon! 1907/1910)*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1981.

#### JORNAIS

Coleção *Diário da Noite*: 1945

Coleção *Jornal de S. Paulo*: 1946 a 1948

Coleção *Folha da Noite*: 1921 a 1960

Coleção *Folha da Tarde*: 1949

Coleção *Folha da Manhã*: 1925 a 1960

Coleção *Folha de S. Paulo*: 1960 a 1963